

A Vida é Bela.!?

(Luís Galvão Teles, 1982)

A Vida é Bela.!? conta a história de Hipólito do Ó (Nicolau Breyner), homem de negócios e político oportunista, entre a queda da República e o Estado Novo. No entanto, o principal protagonista de *A Vida é Bela.!?* é o próprio cinema. A representação das décadas de vinte e trinta é acompanhada de várias referências ao cinema mudo e sobretudo às comédias sonoras portuguesas. O universo do cinema mudo é evocado de forma caricatural através de cenas com a velocidade acelerada e do característico acompanhamento ao piano. Mas as referências às célebres comédias “à portuguesa” são predominantes e manifestam-se até em muitas das cenas que retratam os anos vinte. Assim, durante todo o filme abundam os diálogos rápidos e os jogos de palavras, muitas vezes com conotações sexuais de gosto duvidoso. Tal como nas comédias “à portuguesa”, ainda, a tradição do teatro de revista influencia a estrutura narrativa e o jogo de actores, embora seja aqui uma referência em segunda mão, uma caricatura de uma caricatura. A própria caracterização física dos dois protagonistas remete para os dois principais actores daquelas comédias mas, mais uma vez, estamos no terreno da caricatura: nem Nicolau Breyner consegue passar por Vasco Santana, nem Henrique Viana por António Silva.

Os equívocos tornam-se evidentes quando procedemos a uma análise propriamente cinematográfica. O filme usa e abusa do grande plano, a música é uma constante em todas as sequências, e o movimento da câmara e dos actores no interior do plano é incessante. Este horror à duração do plano e à fixidez do enquadramento subverte a referência explicitamente citada (por limitações técnicas, mas também por opção estética, as comédias “à portuguesa” privilegiavam planos muito mais longos do que os de *A Vida é Bela.!?*) para revelar o universo televisivo como a influência mais próxima do filme de Galvão Teles.

No início dos anos oitenta, o cinema português estava prestes a entrar numa fase de grande notoriedade internacional, conquistada por um grupo de realizadores e de filmes que cultivaram um cinema de autor feito na tradição do cinema moderno europeu. *Francisca*, de Manoel de Oliveira, é do mesmo ano que *A Vida é Bela.!?* Não se inserindo nesta tradição, o filme de Galvão Teles também não é uma obra inteiramente desalinhada do cinema português dos anos oitenta. Muitos filmes houve que, nesta mesma década, procuraram na aproximação à televisão e no cinema de géneros e de estrelas estrangeiro as fórmulas de um muito desejado sucesso comercial. *Kilas*, *O Mau da Fita* tinha estreado pouco antes (1980), com enorme sucesso, e alguns anos depois seria a vez de *O Lugar do Morto* (António-Pedro Vasconcelos, 1984), um dos filmes mais vistos de sempre até há relativamente pouco tempo. Apesar da sua filiação neste cinema mais comercial e da sua apropriação dos ritmos e das técnicas da linguagem televisiva, *A Vida é Bela.!?* tem um ponto de contacto importante com o cinema de autor dos anos oitenta na sua revisitação da história de Portugal. No mesmo período, Jorge Silva Melo e Rui Simões trabalhavam a memória da revolução (*Passagem ou A Meio Caminho* e *Bom Povo Português*, ambos de 1980), Paulo Rocha recordava o decadentismo oitocentista (*A Ilha dos Amores*, 1982) e João Botelho preparava-se para abordar pela primeira vez as

feridas da guerra colonial (*Um Adeus Português*, 1985) – a década seria encerrada, aliás, com a síntese histórica de Manoel de Oliveira, *Non ou A Vã Glória de Mandar* (1990).

Em ambos casos podemos falar de uma instrumentalização da história. Mas se Silva Melo, Rocha ou Botelho procuram nela as causas de uma cultura nacional (vista como) moribunda, Galvão Teles usa-a apenas como fonte para um jogo de citações e pastiches. É provavelmente essa a explicação para o facto de este filme parecer abraçar os anacronismos. Exercício de colagem e justaposição quase pós-modernista, *A Vida é Bela.!?* combina o que não parecia poder ser combinado e torna claro um modo de apropriação do passado que não vai além da superfície – é isso que justifica, aliás, uma representação da história mediada por outras representações já consolidadas dessa mesma história, como aquelas fornecidas pelo cinema mudo ou pelas comédias dos anos trinta e quarenta. Esta opção tem os seus problemas. Em alguns momentos a superficialidade torna-se politicamente reprovável e moralmente abjecta, como nas sequências que retratam em tom de brincadeira uma violação ou uma sessão de tortura por agentes da PIDE. Noutras cenas ainda, ela parece incompatível com uma intenção de seriedade e de análise estrutural da história portuguesa. Hipólito acumula este papel contraditório: por um lado, ele é o agente e a vítima de todos os estereótipos cinematográficos (da tarte na cara à encarnação da figura do aviador); mas, por outro lado, ele é capaz de ver para além desses estereótipos proclamando regularmente aforismos grandiloquentes sobre a vida, Portugal e os portugueses. Claro que estes aforismos não passam de uma nova instância de reprodução do senso comum, camuflados sob a capa de uma aparente reflexividade.

É desse modo que devem ser entendidas as ideias feitas sobre a política e os políticos (e não especificamente sobre a política e os políticos republicanos) que o filme reproduz: os políticos são equiparados a pegas; a passagem para o campo político oposto é um facto banal; a corrupção e o nepotismo são práticas generalizadas. O momento histórico particular em que o filme foi produzido ajuda-nos a perceber tão grande hostilidade em relação à classe política. No início da década de 1980, Portugal vivia uma grave crise financeira que levaria à intervenção do FMI em 1983. Um dos aforismos de Hipólito tornava claro o desejo de aproximar a crise de 1981 da dos anos vinte: “Devemos tanto que se um dia pagássemos ficava tudo falido.” Para o espectador de 2010 a frase parece manter a sua actualidade e renovar, mais uma vez, a proximidade entre uma crise presente e a da Primeira República – muitos comentadores houve já que não hesitaram em fazer essa relação. O estabelecimento dessa relação pode não passar de um acto de demagogia que violenta a própria história, mas é também o mecanismo que mais tem contribuído para consolidar os clichês negativos sobre a política e os políticos que emergiram durante o Estado Novo no contexto, justamente, da construção de uma imagem negativa da Primeira República.

O definhar da Primeira República

Programação por Paulo Cunha (CEIS20)

Filme: **A vida é Bela.!?** (Luís Galvão Teles, 1982)

Sinopse: Lisboa, 1920: a história de Hipólito do Ó, um empresário "self-made-man" que aspira a uma carreira política, envolvendo-se em conspirações e tentativas de golpe de Estado. Obrigado ao exílio, Hipólito do Ó regressa a Portugal em 1935 com novos planos políticos.

Intérpretes: Nicolau Breyner, Fernanda Borsatti, Henrique Viana, Margarida Carpinheiro, Io Apolloni e Vítor Norte.

Luís Galvão Teles Cineasta português (1945) que se licenciou em Direito pela Universidade de Lisboa (1967) e em Cinema pelo Institut de Formation Cinématographique de Paris (1968). Integra o Centro Português de Cinema e funda a cooperativa de produção Cinequanon. Enquanto realizador rodou imensas longas-metragens, das que se destacam: A Confederação (1976), A vida é bela?! (1982), Retrato de Família (1992), Elas (1997), Tudo isto é Fado (2003) e Dot.com (2008). Como produtor, funda a Rosa Filmes (1997) e produz diversos filmes em regime de co-produção com cineastas internacionais. Foi homenageado na edição deste ano do FantasPorto.

Moderador:

João B. Serra Investigador do Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Professor Coordenador da Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha do Instituto Politécnico de Leiria (onde dirige o mestrado em Gestão Cultural). Exerce funções de direcção científica na Casa dos Patudos - Museu de Alpiarça. Foi até Dezembro de 2009 vogal executivo da Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República e é actualmente membro do Conselho de Administração da Fundação Cidade de Guimarães, a entidade responsável pelo projecto Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura. É autor de diversos estudos sobre questões de história política portuguesa dos séculos XIX e XX. Colaborou em obras colectivas sobre história da República e do republicanismo. Foi comissário de exposições relativas à mesma temática. Foi assessor e Chefe da Casa Civil do Presidente da República Jorge Sampaio (1996-2006), integrou a Comissão Nacional para as Comemorações do Dia de Camões e das Comunidades Portuguesas (1999-2001), foi membro do Conselho de Imprensa (1988-1989).

Convidados:

António Pedro Vicente
(Universidade Nova de Lisboa)

Professor Catedrático da Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lecciona disciplinas sobre História Contemporânea de Portugal (séc. XIX e XX) e coordena Mestrados em História (séc. XIX e XX) no Departamento de História da FCSH-UNL. Tem significativa e extensa obra publicada, em Portugal e no estrangeiro, sobre História Contemporânea de Portugal. Académico correspondente de diversas academias internacionais. Coleccionador de iconografia republicana portuguesa. Foi Prémio Calouste Gulbenkian de História Moderna e Contemporânea de Portugal, concedido pela Academia Portuguesa de História (2001).

Maria Alice Samara
(Instituto de História Contemporânea)

Investigadora do Instituto de História Contemporânea e docente na Escola Superior de Educação de Setúbal. Doutoranda em História Contemporânea pela Universidade Nova de Lisboa, com um projecto sobre Republicanismo em Portugal. Em 2003, recebeu o Prémio Fundação Mário Soares. Especialista em século XX, nomeadamente na Primeira República, participa regularmente em colóquios e seminários e tem extensa bibliografia publicada.

Luís Farinha
(Instituto de História Contemporânea)

Professor de História do ensino secundário e Investigador do Instituto de História Contemporânea. Doutorando em História Política e Institucional Contemporânea pela FCSH-UNL. É autor de diversas publicações relevantes na área da História Contemporânea de Portugal. Foi director-adjunto da revista História (2001-2008).

Tiago Baptista
(Cinemateca Portuguesa)

Conservador do Arquivo Nacional da Imagem em Movimento da Cinemateca Portuguesa, docente da Universidade Nova de Lisboa (FCSH) e da Universidade Católica Portuguesa. Doutorando no Birkbeck College da Universidade de Londres. Investigador do Instituto de História Contemporânea, membros fundador da AIM – Associação de Investigadores da Imagem em Movimento e autor de bibliografia significativa sobre cinema português.

Organização:

